

# **A PAISAGEM NA MEMÓRIA DE ANTIGOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE GOIOERÊ-PR**

André L. de OLIVEIRA - Universidade Estadual de Maringá/PR – UEM.  
Neide M.M. KIOURANIS - Universidade Estadual de Maringá/PR - UEM.  
João P. PEZZATO - Universidade Estadual Paulista – UNESP/RC.  
Ana T. OBARA - Universidade Estadual de Maringá/PR – UEM.

## **Resumo**

As lembranças apresentam significações que merecem ser desveladas, pois envolvem um processo de construção e reconstrução de experiências vividas, que podem contribuir para um melhor entendimento da interação do homem com seu meio biofísico e social. Nesta perspectiva, para construir a história da percepção da dinâmica social e ambiental da paisagem do município de Goioerê – PR, foi utilizada a coleta de depoimentos de antigos moradores. Por meio da História Oral, foram resgatadas as experiências que marcaram o processo de desenvolvimento e ocupação do espaço, entre o início da década de 1950 até o ano de 2001. Os depoimentos foram coletados levando em consideração os determinantes que condicionaram a fixação dos depoentes na região e as impressões registradas na memória dos mesmos, a respeito das mudanças dos componentes naturais e culturais. A análise das narrativas revelou aspectos significativos sobre as transformações socioambientais da paisagem regional. Para os antigos moradores, o processo de desenvolvimento do município de Goioerê é visto com ambigüidade, ora representado como positivo, quando se refere à melhoria da infraestrutura urbana, ora como negativo, quando trata de observar a degradação dos recursos naturais. Foi possível constatar um apurado senso de observação dos depoentes quando se referiam aos processos antrópicos que levaram ao comprometimento dos recursos naturais e culturais locais. Diversos entrevistados correlacionaram o desmatamento, a perda da biodiversidade e comprometimento da qualidade dos cursos d'água com o uso e ocupação inadequados do solo.

## **Abstract**

The recollections reveal meanings that should be acknowledged. Actually they involve a process of building and rebuilding of lived experiences which may contribute towards a better understanding of human interaction with the biophysical and social milieu. Interviews with old inhabitants of the municipality of Goioerê PR Brazil were collected to construct the history of awareness in social and environmental dynamics of the environment. Experiences involving the process of development and space occupation in the early 1950s and 2001 were recovered through oral history. Interviews were collected on the factors that conditioned the fixing of the interviewed in the region and the impressions registered in their memories with regard to changes in natural and cultural items. Narration analysis revealed significant aspects on the social and environmental transformations of the region's landscape. In the view of older inhabitants the development process in the municipality of Goioerê is seen in an ambiguous manner. Sometimes it is considered a positive factor, especially when improvements in town infrastructure are discussed; sometimes as a negative factor when the degradation of natural resources is analyzed. A deep perception of the interviewed was reported when they refer to human processes that impaired the natural and cultural local resources. Several interviewed related deforestation, loss of biodiversity and impairment of the water's quality in streams and rivers to the improper occupation of land.

## INTRODUÇÃO

A história oral é tão antiga quanto a história da humanidade. Grande parte dos conhecimentos mais remotos, e mesmo os atuais têm se perpetuado no tempo graças aos relatos e histórias de vida que são transmitidos de geração a geração.

Na primeira metade do século XX, a história oral foi utilizada por sociólogos e antropólogos, em especial em estudos de história de vida de imigrantes e nativos. O geógrafo, Franz Boas, por exemplo, desenvolveu pesquisa de caráter antropológico, investigando depoimentos e relatos de aborígenes norte americanos. Trabalhos como este, entre outros do período, se perdiam devido às dificuldades na coleta e no registro das informações e pela falta de confiabilidade na interpretação dos dados (QUEIROZ, 1988).

Com o desenvolvimento tecnológico pode-se dizer que adentramos em uma nova fase da História Oral, onde a coleta de relatos via gravador, permitiu que as informações e depoimentos pudessem ser registrados com maior riqueza de detalhes (QUEIROZ, 1991).

Segundo Meihy (1996), a moderna História Oral surgiu em meados do século XX, mais precisamente, em 1947, na Universidade de Columbia, em Nova York, quando o pesquisador Allan Nevins, utilizando-se de recursos tecnológicos, organizou arquivos para armazenar experiências de vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto em muitos países a História Oral ganhou grande impulso, na década de 1960, motivada pela contracultura e associada aos avanços tecnológicos, nos países da América Latina a mesma encontrou resistência. No caso do Brasil, esta resistência se deu em decorrência do golpe militar de 1964, quando estudos e projetos envolvendo o registro de experiências e opiniões de indivíduos ou comunidades foram reprimidos, com o intuito de evitar manifestações de descontentamento com a situação sócio-política vigente.

Em meados da década de 1970, houve um incentivo da Fundação Ford em financiar projetos acadêmicos para que utilizassem esta metodologia. O Brasil e o México foram selecionados pelo órgão internacional para participar do projeto, contudo por motivos histórico-políticos esta proposta não se efetivou de imediato.

Foi no final da década de 1970, durante a campanha pela anistia, e principalmente, após a abertura política em 1983, que a História Oral ganha impulso no Brasil. A comunidade acadêmica, os museus e grupos isolados promoveram debates em torno da oralidade. Nesse período ocorreram experiências importantes que colocaram o país num lugar de destaque internacional neste campo de pesquisa.

Há várias iniciativas promovidas nesta área, em 1971 pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo; em 1972 pela Universidade Estadual de Londrina, no Paraná; em 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Em 1994, no Rio de Janeiro, é criada a Associação Brasileira de História Oral.

Atualmente, além da comunidade acadêmica e outras instituições públicas e privadas, como sociedades anônimas, de migrantes e de diversos grupos silenciados por razões plurais, têm demonstrado interesse no registro da História Oral, proporcionando o diálogo entre o saber acadêmico e o não sistematizado.

Dentre os vários pesquisadores que tem se dedicado a documentar e interpretar a história com base nas memórias dos sujeitos ou comunidades, temos a importante colaboração do historiador Paul Thompson (1992). Os trabalhos do autor têm merecido destaque, dada sua contribuição na difusão dessa modalidade da história na América Latina e, principalmente na Inglaterra (JOUTARD, 1996, p.46).

Considerando a interpretação como cerne da construção da história, Thompson aponta que, de maneira geral, há três modos pelos quais a História Oral pode ser construída, a saber: única narrativa, coletânea de narrativas e análise cruzada (THOMPSON, 1992, p.303-305).

A primeira considera a narrativa da história de uma única vida, quando é definido um informante (narrativa única) “dotado de memória excepcional”. Nesse caso, não é preciso ser feita uma única biografia, mas pode ser construída a história de diversas pessoas, mediante a análise e interpretação do relato do depoente. Com essa modalidade podem ser reveladas as

lembranças, vivências e interpretações de fatos vividos por um indivíduo, uma classe ou comunidade e ser reconstruída uma série extremamente complexa de eventos.

A segunda modalidade envolve a coletânea de narrativas que podem ser utilizadas na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando os diversos testemunhos em torno de temas comuns.

A análise cruzada, terceira forma de construção da história apontada por Thompson, se dá quando a evidência oral é associada a outras fontes, como a iconografia e os documentos escritos. São comparadas evidências obtidas por meio de entrevistas de diferentes depoentes, e associadas à análise de documentos provenientes de outras fontes. A História Oral e a memória estão intimamente incorporadas à vida do cidadão, no próprio fazer cotidiano, e faz parte de uma rotina que se repete todos os dias, onde a informação ocupa o lugar absoluto do conhecimento reflexivo.

Nesse sentido, alguns autores, entre eles Janotti e Rosa (1993) e Meihy (1996), têm alertado a respeito de que há trabalhos fazendo a fusão entre História Oral e memória e apontam que há distinções significativas entre essas abordagens. Nos estudos sobre memória o objetivo é notar os trajetos das lembranças e os lapsos de esquecimentos individuais e coletivos. Trabalhos envolvendo o registro da “memória coletiva” preocupam-se, principalmente, com a “percepção sobre a vida dos componentes de um grupo que possuem uma comunidade de destino”. Ainda que isto faça parte da história, não é a própria história (MEIHY, 1994, p.59).

Montenegro (1993a) trabalha com o conceito de memória para a construção da História Oral. Para o autor, a memória possibilita resgatar marcas de como foram vividos determinados momentos e como estes ganharam significado nas rememorações individual e ou coletiva. Montenegro advoga que com o registro da memória é possível construir uma reflexão a respeito de como o acontecimento histórico vivido se constituiu em um território socialmente estabelecido nas representações coletivas.

Halbwachs (1990), cujas reflexões são sobejamente empregadas por profissionais que trabalham com histórias de vida e depoimentos, sobretudo sociólogos e historiadores, estabelece uma nítida distinção entre memória e história. O autor tem uma posição contrária às perspectivas que tratam os termos, basicamente como possuidores das mesmas características. Para Halbwachs, o vivido que guardamos na nossa lembrança está ligado ao campo da memória e se distingue da história. A dimensão dos fatos, dos acontecimentos, das situações, apesar de constituírem elementos “fundantes” da história, representa o campo da memória.

Enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, sempre em sintonia com o que foi estabelecido no momento em que ocorreu, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador (MONTENEGRO, 1993b).

Ao analisar os “quadros sociais da memória”, Halbwachs considera que a memória é produto de um processo de construção social. Segundo o autor, a lembrança compõe representações que, muitas vezes, repousam em depoimentos e racionalizações: “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifesta já bem alterada.” (NADAI, 1993, p.55).

A esse respeito, Bosi coloca de maneira esclarecedora:

O caráter livre e espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual. (BOSI, 1987, p.17)

Assim, como apontou Halbwachs, o registro da memória coletiva permite a produção de uma determinada visão do passado. A memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente

aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 1990, p. 81-82)

No livro *Paisagem e memória*, Simon Schama (1996) reforça uma idéia semelhante da de Halbwachs a respeito da memória. Em sua obra, Schama pretende defender um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação, desta forma objetiva apresentar não mais uma explicação do que perdemos e, sim, uma exploração do que ainda podemos mostrar. Para isso, o autor escolheu três elementos constitutivos das paisagens agrestes: as árvores, a água e as rochas e, através destes elementos procura desvelar o conteúdo mítico dos mesmos, passando de uma região para outra, de uma época para outra por intermédio de transições planejadas, nas quais percebemos elementos que se mantêm inalterados, enquanto outros surgem ou desaparecem, instigando-nos a enxergar velhos cenários com novos olhos e a reconhecer quanta memória acumulada pode estar oculta nas paisagens.

Se o que se pretende é resgatar a memória de experiências passadas, os idosos são sujeitos privilegiados, uma vez que, vivem das lembranças de um passado do qual eles fizeram parte, e que mantém um vínculo direto com seu cotidiano, seja na forma de nostalgia pelos amigos e familiares que partiram, seja pelas experiências vividas ou, ainda, na forma de satisfação ou insatisfação diante das transformações que ocorreram ao longo dos anos.

Diversas pesquisas têm trabalhado com o resgate das narrativas orais de idosos, enfatizando a importância da percepção e da participação dos mesmos no entendimento das transformações socioambientais da paisagem.

Maroti e Santos (2001) obtiveram relatos e depoimentos orais de idosos, antigos trabalhadores da Fazenda Jataí, no interior do Estado de São Paulo, com o intuito de resgatar fatos e impressões sobre as modificações nos aspectos naturais e culturais da paisagem da antiga Fazenda, que veio a se tornar uma Estação Ecológica, no final da década de 1980.

Almeida (2003), num trabalho de investigação sobre o processo de transformações do rio Monjolinho, localizado na região de São Carlos – SP, levantou depoimentos de antigos moradores, que revelaram importantes aspectos da biodiversidade e das transformações sociais ocorridas ao longo do tempo.

Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo a obtenção de relatos e depoimentos orais de antigos moradores do município de Goioerê – PR, que vivenciaram as transformações dos componentes sociais e ambientais da paisagem regional. O resgate da memória dos moradores é fundamental para construirmos a história sócio-cultural e ambiental da região.

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização da área de estudo**

A região onde está localizado o município de Goioerê é conhecida desde o século XVI contudo, somente na década de 1950 é que o povoamento e a exploração se efetivaram.

O município de Goioerê, localizado no Estado do Paraná, dista 403,1 km da capital e pertence a mesorregião Centro Ocidental Paranaense. Teve sua instalação no ano de 1955, e no ano 2000 contava com uma população de 29.750 habitantes, conforme dados do Censo Demográfico (IBGE, 2000).

Entre 1991 e 2000 a população teve uma taxa média de crescimento anual negativa, igual a -1,60%. Nesse mesmo período, houve diminuição da população rural e da urbana e aumento da taxa de urbanização.

Os indicadores de renda, pobreza e desigualdade mostram que no período de 1991 e 2000 a renda per capita média do município de Goioerê cresceu 15,39%. Os dados indicam, ainda, um crescimento da desigualdade social (IPEA, 2000).

De relevo suavemente ondulado, o município conta com uma área de 495,1 km<sup>2</sup>. Os rios Água Branca e Água Bela e o arroio Shimidt, pertencentes a grande bacia hidrográfica do rio Piquiri, são os principais canais fluviais do município. O perímetro urbano se encontra

localizado principalmente nas proximidades do arroio Shimidt, subafluente do rio Água Bela. Em suas margens encontramos a área em que a degradação ambiental é mais crítica.

Não há vegetação típica de mata ciliar nas margens do arroio Shimidt, mas inúmeras tubulações podem ser observadas no degradado leito fluvial. As vias de escoamento de afluentes tóxicos clandestinos contribuem para o agravamento da poluição do curso de água que recebe dejetos líquidos e sólidos da cidade. O município não conta com tratamento de resíduos de origem doméstica e industrial.

A Floresta Estacional Semidecidual Submontana é a vegetação natural original da região, cujas espécies típicas dos estratos mais altos (com 25 a 35 metros) são: o tamboril, a guarita, a peroba. No extrato arbóreo há ocorrência de cedro-roxo, alecrim, cangerana, palmito entre outras.

Em 1997, o município contava com 3% da vegetação original, floresta tropical (área com aproximadamente 3.800 hectares), e 600 hectares de reflorestamento, principalmente, eucaliptos e grevilhas, em áreas comprometidas pela erosão (CAZULA, 1997, p.12).

No ano de 1992 houve o início de um processo de recuperação ambiental da área do arroio Shimidt, empreendida pela administração Municipal da Prefeitura de Goioerê. Entretanto, a canalização proposta pelo projeto não foi concluída por problemas entre a administração municipal e a empresa vencedora da licitação que realizaria o empreendimento de reurbanização. Em 1997, o projeto foi retomado e, no mesmo ano, reiniciaram os trabalhos de canalização, ainda não concluídos até o ano de 2004.

### **Coleta dos depoimentos**

No ano de 2000 foram realizados os primeiros contatos com antigos moradores do município, ocasião em que foi definido o conjunto de depoentes: dezenove homens e duas mulheres, com idade entre 44 e 88 anos.

Com base em roteiro previamente elaborado, as entrevistas semi-diretivas foram realizadas de abril a junho de 2001. Segundo Oliveira (2001), a entrevista semi-diretiva não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas, onde o entrevistador faz uso de uma série de perguntas guias as quais dispensam uma ordem específica para serem aplicadas. Nesse tipo de entrevista, o entrevistado tem liberdade para falar e as intervenções do pesquisador se limitam a algumas mediações no sentido de dar prosseguimento à narrativa.

Os depoimentos foram registrados em fitas cassete, e, posteriormente, transcritos na íntegra, cujo processo é denominado de transcrição absoluta (MEIHY, 1996).

Para construir a história da evolução das transformações da paisagem investigada, foi utilizada uma abordagem de História Oral Temática que, conforme Meihy (1996), aborda um assunto específico.

Diferente da história de vida, no depoimento são coletadas informações que só interessam ao pesquisador, ou seja, aqueles conhecimentos que estejam diretamente inseridos nos objetivos do trabalho. Embora a história de vida encerre um conjunto de depoimentos, há grandes diferenças entre ambos (QUEIROZ, 1988, p.22).

No caso da investigação em questão, o foco principal diz respeito à percepção da evolução da dinâmica da paisagem do município de Goioerê, por antigos moradores.

O roteiro das entrevistas com as questões que orientaram a coleta de depoimentos, está descrito a seguir:

1. Quando e qual motivo o(a) trouxe para a região?

**Objetivo da questão:** Identificar o período de chegada à região e conhecer os determinantes que condicionaram a vinda do(a) depoente ao município.

2. Como era a região, com respeito à fauna e flora, quando o(a) senhor(a) chegou aqui?

**Objetivo da questão:** Resgatar informações dos componentes da fauna e da flora, que ficaram registrados na memória dos moradores.

3. Como eram os rios?

**Objetivo da questão:** Compreender as transformações resultantes dos impactos negativos da ação antrópica nos cursos d'água da região.

4. O Sr(a) gostaria de comentar algo mais a respeito da sua história aqui em Goioerê ?

**Objetivo da questão:** Resgatar a rememoração de fatos significativos para os depoentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos depoimentos revelou que o fator responsável pelo deslocamento dos entrevistados de sua região de origem para o município de Goioerê, nos anos de 1950 e 1960, foi a busca de trabalho. Estes antigos moradores vieram, principalmente, do Estado de São Paulo e da Região nordeste, em especial do Ceará e de Pernambuco, para desenvolver atividades tanto no meio rural como no urbano. Um grupo veio atraído pela oferta de trabalho no meio rural, em decorrência de grande quantidade de terras férteis a preços acessíveis. Alguns se instalaram como proprietários de terras, outros como empregados em fazendas. Os depoimentos transcritos abaixo são ilustrativos das lembranças desses depoentes.

Nós soubemos da região porque meu tio, na década de 51 e 52, trabalhava com caminhão. Ele trazia mercadoria lá de São Paulo – Marília, pra fazenda Tropical, pra frente de Moreira Sales. Então estava abrindo a fazenda na época, a fazenda era do professor Wiles, e, por intermédio do meu tio, meu pai arrumou serviço e nós viemos pra cá, foi em 52 [...] nós viemos em oito famílias, num caminhão, só viemos com a mala mesmo [...]. (Proprietário de terras, 60 anos)

Isso aqui eu fiquei sabendo, porque nós morávamos no Estado de São Paulo, um vizinho nosso que tinha uma propriedade aqui e quis vender pra nós e nós viemos ver e compramos [...] Goioerê não era um município naquele tempo [...] isso daqui pertencia tudo ao município de Campo Mourão, aí nós viemos pra cá, depois em 55 fizeram o plebiscito daí que passou a ser município, daí que Goioerê ficou conhecido. (Proprietário de terras, 70 anos)

Eu vim do Ceará para São Paulo, não deu certo [...] em Santos encontrei um Senhor com uma mala, e perguntei para onde ele ia. E ele disse: eu estou voltando para o Paraná, onde eu ganhei um bom dinheiro [...] eu disse: homem, pelo amor de Deus, dá um jeito para me levar [...] não tenho dinheiro, não tenho onde comer, não tenho nada [...] Se você quiser ir, só que o serviço é formar cafezal, é uma fazenda de um turco, e tem um formador que é pernambucano, gente muito boa, e o trabalho não é pesado, você trabalha de empreita, come bem. Eu disse: é disso que eu preciso, rapaz ! (Empregado de fazenda, 68 anos)

Um outro grupo, fixou-se no município para trabalhar com atividades ligadas ao meio urbano, como o comércio e os serviços públicos, como atestam alguns relatos abaixo.

[...] .aí eu tenho que começar mais ou menos de 1958, naquele ano eu morava em Peabiru e em 1959, um ano depois os meus ex-patrões [...] abriram uma filial aqui em Goioerê, ramo de tecidos, calçados, chapéus, armarinhos, etc., e eles exigiram que eu viesse ajudar na inauguração de nova loja e eu vim. Quando foi um ano depois em 1960, as casas Pernambucanas abriu uma filial aqui em Goioerê, ainda era tábua, mas todas as casas eram de tábua, e eu tinha muita facilidade de conversar, daí os patrões acharam melhor trazer eu para ser o segundo gerente da loja porque o anterior não era bom, não tinha papo, daí eu vim ser gerente aqui em julho de 1960 [...]. (Comerciante e funcionário público municipal, 88 anos)

Eu era policial militar e me transferiram para cá, eu era telegrafista e naquele tempo usava muito o rádio, o telégrafo, não tinha nem luz aqui. Eu fui o primeiro sargento da polícia, eu era sargento do curso, era sargento no exército e de lá vim para o Paraná [...] eu vim sozinho, casei aqui em Goioerê, casei em março de 1964, o tempo da revolução [...]. (Sargento de polícia, 73 anos)

A gente morava no Estado de São Paulo, daí naquela loucura pelo café, eles vieram para cá [...] no intuito de abrir sítio para plantação de café [...] meu pai veio pra cá, mais ou menos, em 1952, e eu mesma vim em 1960, eu fiquei no Estado de São Paulo estudando, pra depois eu vir pra cá trabalhar; naquela época era muito difícil ter professor, então eu vim pra dar aula. (Professor, 61 anos)

As memórias estão repletas de lembranças de um período em que os elementos naturais eram exuberantes e a paisagem era muito diferente da atual. As lembranças de derrubada da vegetação natural para o cultivo do café são recorrentes, principalmente, para aqueles cujas famílias adquiriram terras na região ou viviam do trabalho agrícola. Nas narrativas há a descrição de espécies vegetais encontrados em grande quantidade no local, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. Tais questões podem ser verificadas na narrativa abaixo.

[...] era tudo matão mesmo. As madeiras de lei, você fala né ? Bom primeiro lugar tinha peroba, tinha marfim, gurucaia, cedro. Aí tinha diversas madeiras de lei, mas as mais eram essas. Ah ! A tangerana. E tinha os palmitos que eram os fortes. O forte aqui era o palmito, daí o palmitero entrava, e conforme você ia derrubando, você comprava o lote e você ia derrubar cinco alqueires e, então, você vinha aqui na cidade e tinha um cara que comprava os palmitos [...] em 78 ainda tinha um pouco de mato, mas quando foi com mais uns quatro ou cinco anos, em 1982/1983 já não tinha mais nada. (Proprietário de terras, 60 anos)

Nas narrativas aparecem, ainda, menções sobre diversas espécies animais, como macaco, gato do mato, veado, onça e de aves, como o tucano, nambu, pica-pau, entre outros. Os moradores atestam que muitas destas espécies diminuíram sua população, inclusive, algumas desapareceram, com o crescente processo de desenvolvimento urbano e agrícola da região. Suas falas denotam, ainda, que parte da perda da diversidade faunística é decorrente da ação direta do homem, por meio da caça, que era uma atividade corriqueira na época.

[...] A capivara naquele tempo tinha bastante também, mas o que mais tinha era a cutia, aquilo andava de bando mesmo, cutia no meio dos cafezais, a gente pegava na mão porque tinha bastante mesmo, a cutia e a paca, então o veado devia ter bastante também, mas era um bicho mais arisco, a onça também tinha, bom eu acho que em 53, por aí [...]. (Proprietário de terras, 88 anos)

[...] tinha tucanos, papagaios, não muitos papagaios, mas tinha gralhas, pica-pau, pássaros de muitas espécies, não esses raros que existem na bacia amazônica não, mas pássaro tinha nambu, tucano, jacu [...] a gente matava muitos tucanos com espingardas, a gente saía passarinho como dizia, com espingardinha e matava muitos tucanos, muitos nambus. (Empregado de fazenda, 70 anos)

[...] aqui onde é a associação do Banco do Brasil, um compadre meu matou uma onça de 12 palmos de comprimento, nós tínhamos, bastante porcos e ele todo dia vinha, cada dois, três dias vinha e carregava um porco, um dia um cachorrinho atocaiou ela, ela trepou num pau e eles mataram [...] cateto, veado, essas coisas, aqui era direto [...]. (Empreiteiro de terras, 72 anos)

[...] os pássaros que tinha bastante aqui, era o Uru, Jacu. Naquele tempo, Jacu tinha demais [...] ah ! o pássaro preto que hoje está em extinção. Na época aqui se você plantasse uma rocinha de arroz tinha que ficar cuidando e hoje não existe o pássaro preto. Hoje é a pombinha e o chupim, naquela época não existia pomba aqui, a pomba é [...], uma ave, que gosta de lugar aberto [...] Uma vez, uma peãozada, tinha uns cem peões, dois deles pegaram duas winchester e mataram em média de 100 a 120 Jacus numa noite [...] daí nós fomos comer Jacu de tudo quanto foi tipo: assado, cozido, frito, [...] (Proprietário de terras, 60 anos)

Em alguns relatos, como pode ser observado abaixo, é possível perceber que os depoentes compreendem perfeitamente a dimensão dos impactos nos cursos d'água, em decorrência do despejo de esgotos, do uso indiscriminado de agrotóxicos e do manejo agrícola inadequado, que tem provocado a poluição e o assoreamento dos rios e riachos da região. A perda da qualidade da água é enfatizada pela maioria dos depoentes, que rememoram o tempo em que era possível beber água diretamente dos rios, nadar e pescar em águas limpas e cristalinas.



[...] este aqui que vocês conhecem, que é o arroio Schmidt, [...] não era grande, era mais ou menos, ultimamente devido esse serviço de trator nas terras [...] a chuva vem e vai carregando as terras e vão aterrando os rios e vai diminuindo, é o que aconteceu, vai se acabando [...] a água era bem limpinha, se tivesse peixe você via [...] o Água Grande que passava um pedaço no meu sítio, ali o povo ia bastante tomar banho, [...] as pessoas pescavam, caçavam, muitas pessoas no fim de semana pegavam jipe e saíam pescar, caçar. (Alfaiate, 73 anos)

Se a água era limpa? Ave Maria, era um azeite ! Não tinha fundura que você olhasse e não via lá embaixo, agora você vê as terras tudo mecanizada, até nas beiras dos rios, passado veneno, dá uma chuva, aquela terra roxa cai tudo lá dentro do rio. (Comerciário e proprietário de terras, 75 anos)

[...] esses rios, essa Água Branca, eu tomei muito banho ali, a gente via todo peixe que passava [...] naquele tempo não tinha poluição, as margens dos rios tinha mata virgem, era tudo saudável, que você enxergava areia embaixo, as pedrinhas e tudo, hoje você chega é uma água escura, você não enxerga nada do que está passando lá dentro, então mudou muito. Inclusive naquela época a gente bebia do próprio rio, tinha muitas minas nos barrancos. (Empregado de armazém em fazenda, 72 anos)

Apesar de muitos depoimentos revelarem uma certa nostalgia com relação à paisagem e às vivências de outrora, muitas falas denotam, ora implícita, ora explicitamente, certas ambigüidades, entre os benefícios da melhoria da infraestrutura urbana e rural e a degradação dos recursos naturais, decorrentes das transformações do processo de desenvolvimento econômico e social da região.

Aquele rio lá embaixo era tudo largado, bem desmanzelado. Até meu pai falava que a gente tinha vindo para um lugar muito feio. Agora parece que está melhorando. Estão arrumando, estão asphaltando lá embaixo. Quando eu morava lá não tinha nada de asfalto, minha casa ficava numa lama danada. Depois que asphaltaram eu acho bonito [...]. (Dona de casa, 80 anos)

[...] Goioerê tinha um movimento direto, era pra ser melhor hoje do que Campo Mourão e Umuarama, era pra ser bem melhor, porque o movimento aqui era forte e a região era boa mesmo. Mas veio os prefeitos, entraram e começaram a segurar, um segura de cá outro de lá, as indústrias foram saindo pra fora [...]. (Empreiteiro de terras, 72 anos)

E o que realmente traz saudades é a parte da tradição, do começo de tudo, do andar de carroça. Hoje isso acabou, a gente vinha pra escola a pé descalço e hoje as coisas mudaram bastante com o advento da televisão. (Proprietário de terras, 44 anos)

Quando cheguei aqui a gente não tinha energia elétrica [...] Depois das 10 era de motor que era uma luz fraquinha que dava medo até de andar na rua, sabe? [...] não era em toda a cidade que tinha energia era só no centro mesmo.[...] Eu mesmo, quando me casei, fui morar numa casa [...] que não tinha energia. Chegava até na esquina e não chegava na minha casa do outro lado. É algo que acho muito interessante porque hoje na zona rural já tem energia elétrica [...]. (Comerciário e proprietário de terras, 75 anos)

[...] Eu vim pra cá porque precisava muito de professor, não tinha, depois começou a aparecer, e hoje, graças a Deus, tem até faculdade aqui. Da época que eu cheguei, hoje Goioerê está maravilhosa, depois desses 41 anos. (Professor, 61 anos)

[...] o que fizeram com Goioerê é um crime, Goioerê sofreu demais, era pra ser uma das melhores cidades do Paraná, porque houve um tempo que o grupo Matarazzo chegou aqui para montar indústria [...] e negligenciaram a entrada dessa firma aqui [...] que produzi muita coisa: tecido, ferragem, máquina de óleo, uma infinidade de produtos na parte alimentar. (Alfaiate, 73 anos)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com os depoimentos possibilitou o registro das experiências guardadas na memória de antigos moradores, revelando atitudes e valores a respeito das transformações socioambientais ocorridas na paisagem da região de Goioerê.

As lembranças foram recorrentes, ao enfatizar a presença de uma mata original densa e rica, que foi gradativamente sendo substituída pela expansão da cultura cafeeira na região e, posteriormente, pelo processo de expansão urbana do município. Estas atividades trouxeram mudanças drásticas na estrutura da paisagem, como a degradação dos corpos d'água e a perda da biodiversidade faunística e florística, alterando toda a dinâmica do ecossistema local.

Nas narrativas foi possível observar consensos com relação ao valor e a importância do meio ambiente natural. Foram ressaltados, pela maioria dos depoentes, os valores estéticos, utilitários (lazer), ecológicos e econômicos da paisagem. A beleza das matas, o valor das madeiras de lei, o prazer de nadar e pescar em águas límpidas e a importância da mata como refúgio de diversos animais foram alguns dos aspectos mais valorizados nas lembranças dos depoentes.

Foi possível, ainda, detectar sentimentos e atitudes ambíguos com relação ao processo de desenvolvimento na região, ora representado como positivo, quando se referia à melhoria da infraestrutura urbana, como o fornecimento de energia elétrica, a pavimentação das ruas, a ampliação e especialização de serviços; ora como negativo, quando tratava da degradação dos recursos naturais, como as alterações qualitativas e quantitativas na composição da fauna e flora, o assoreamento e a poluição dos rios.

Entender estas transformações sociambientais exige uma compreensão maior sobre as verdadeiras ações e expectativas, ou seja, os valores e significados que os moradores atribuem à paisagem do município, tendo em vista toda a complexidade político e ideológica vigente na época, que privilegiava, sobretudo, o desenvolvimento econômico.

Espera-se com este trabalho, trazer ao universo das discussões, os valores, as percepções e as expectativas de moradores que vivenciaram e construíram a história de Goioerê, que quase sempre são desconsideradas nos planos e projetos de desenvolvimento da região.

O resgate das narrativas possibilitou a construção da história cotidiana dos antigos moradores, estabelecendo uma teia de relações em que o passado e presente, o local e global, se manifestam nas múltiplas realidades vividas.

**Palavras-chave:** História Oral, Paisagem e Memória, transformações sócioambientais.

## BIBLIOGRAFIA:

ALCÁZAR i GARRIDO, Joan del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Trad. Alberto Aggio. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v.13, n. 25/26, p.33-35, set.1992 /ag.1993, 1993.

ALMEIDA, Rita de Cássia. A memória dos idosos como instrumento de avaliação dos impactos da urbanização sobre os recursos hídricos. In: FELICIDADE, Norma; MARTINS, Rodrigo Constante; LEME, Alessandro André. (Org.) *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil*. São Carlos: Rima, 2003.

BOSI, Ecléia. *Lembranças de velhos*. 2.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

CAZULA, Álvaro Moacir. *Diagnóstico Ambiental Arroio Schmidt*. Monografia de Especialização, datil., Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Campo Mourão, Paraná, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Brasil), *Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. <http://www.ipea.org.br>. Acesso em: 17fev.2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil), Bases de Informações Municipais. Rio de Janeiro, 2001. Versão Beta CD-ROM.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco; ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v.13, n 25/26, p.7-16, set.92/ ago.93, 1993.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos, In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org), *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

MAROTTI, Paulo Sérgio; SANTOS, José Eduardo dos. Narrativas orais como subsídio para um programa de educação ambiental direcionado a uma unidade de conservação. In: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michèle. (Org.) *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. *Cadernos do CERU*, São Paulo, n.5, série 2, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MONTENEGRO, A. T. Memória e História. *Série Idéias*, FDE, São Paulo, n.18, 1993a.

\_\_\_\_\_. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.13, n.25/26, set.1992/ago.1993. 1993.

NADAI, Elza. Sociedade, Educação e História: Representações de professores sobre qualidade de ensino: um estudo comparativo. *Revista da Faculdade de Educação*, USP, São Paulo, v. 19, n. 18, jan /jun, 1993.

OLIVEIRA, André Luis de. Educação ambiental no parque ecológico de Goioerê. Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.), *Experimentos com história de vida: Itália Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Trad. Hildergard Fielst. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 645p.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

André L. de OLIVEIRA

E-mail: [alolivei@hotmail.com](mailto:alolivei@hotmail.com)

Neide M.M. KIOURANIS

E-mail: [nmmkiouranis@brturbo.com.br](mailto:nmmkiouranis@brturbo.com.br)

João P. PEZZATO

E-mail: [jpezzato@rc.unesp.br](mailto:jpezzato@rc.unesp.br)

Ana T. OBARA

E-mail: [atobara@uem.br](mailto:atobara@uem.br)